RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

O AVANÇO DA SOJA SOBRE O SEMIÁRIDO: UMA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR DA EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO PARA O CARIRI

THE ADVANCE OF SOYBEAN CULTIVATION INTO THE SEMIARID REGION: A MULTIDISCIPLINARY ANALYSIS OF AGRIBUSINESS EXPANSION IN CARIRI

EL AVANCE DE LA SOJA SOBRE EL SEMIÁRIDO: UN ANÁLISIS MULTIDISCIPLINARIO DE LA EXPANSIÓN DEL AGRONEGOCIO EN EL CARIRI

Wagner Pires da Silva[1]

Paulo Henrique Freitas Maciel[2]

Erlene Pereira Barbosa[3]

Gedeão Correia Cruz[4]

Sarah Vitória Amorim Matias[5]

Resumo

O presente artigo analisa criticamente o avanço da fronteira do agronegócio sobre o território do Cariri, com ênfase na recente expansão da sojicultura na Chapada do Araripe. Partindo de revisão bibliográfica e análise documental de dados socioeconômicos e produtivos, o estudo investiga as contradições inerentes à territorialização do agronegócio em uma região marcada por especificidades socioambientais, pela presença do bioma caatinga e por histórica vulnerabilidade hídrica. Argumenta-se que a expansão da soja no semiárido representa não apenas a introdução de uma nova cultura agrícola, mas a incorporação do território à lógica ampliada de reprodução do capital, marcada pela concentração fundiária, expropriação da agricultura familiar,

[1] Doutor em Educação (UFPel), Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior (UFC). Administrador na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Coordenador do Projeto de Extensão Das Kariri.

[2] Doutor e mestre em Educação (UFC). Economista na Universidade Federal do Cariri (UFCA).

[3] Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Mestra em sociologia (UFPel). Bacharela em Ciências Sociais (UFC). Pedagoga (UECE).

[4] Pós-graduado em Administração Pública (FUNIP). Bacharel em Gestão Ambiental (Estácio/CE). Técnico de Laboratório na Universidade Federal do Cariri(UFCA).

[5] Graduanda em Filosofia na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista de extensão no Projeto Das Kariri.

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

intensificação de conflitos socioambientais e pressão crescente sobre recursos hídricos estratégicos. O trabalho demonstra que o discurso desenvolvimentista associado ao agronegócio obscurece impactos estruturais sobre a biodiversidade, os modos de vida camponeses e a segurança alimentar regional, especialmente em um contexto de mudanças climáticas e maior vulnerabilidade às secas. Conclui-se que a expansão do agronegócio no Cariri reforça padrões desiguais de desenvolvimento e aprofunda a mercantilização da natureza, apontando para a necessidade de construção de alternativas baseadas na convivência com o semiárido, na sustentabilidade ecológica e na valorização da agricultura camponesa.
Palavras-chave: Agronegócio; Soja; Semiárido; Cariri; Desenvolvimento regional; Conflitos socioambientais.

Abstract

This article critically analyses the encroachment of agribusiness into the Cariri region of Ceará, with a focus on the recent expansion of soya cultivation in the Chapada do Araripe. Based on a literature review and documentary analysis of socio-economic and production data, the study investigates the contradictions inherent in the territorialisation of agribusiness in a region characterised by specific socio-environmental features, the presence of the Caatinga biome, and historical water vulnerability. It is argued that the expansion of soya in the semi-arid region represents not only the introduction of a new agricultural crop, but the incorporation of the territory into the broader logic of capital reproduction, characterised by land concentration, the expropriation of family farming, the intensification of socio-environmental conflicts, and growing pressure on strategic water resources. The study demonstrates that the developmentalist discourse associated with agribusiness obscures structural impacts on biodiversity, peasant ways of life and regional food security, particularly in a context of climate change and increased vulnerability to droughts. It is concluded that the expansion of agribusiness in Cariri reinforces unequal patterns of development and deepens the commodification of nature, pointing to the need to build alternatives based on coexistence with the semi-arid region, ecological sustainability and the promotion of peasant agriculture.
Keywords: Agribusiness; Soybean; Semiarid Region; Cariri; Regional Development; Socio-environmental Conflicts.

Resumen

El presente artículo analiza críticamente el avance de la frontera del agronegocio sobre el territorio del Cariri, en Ceará, haciendo hincapié en la reciente expansión del cultivo de la soja en la Chapada do Araripe. A partir de una revisión bibliográfica y un análisis documental de datos socioeconómicos y productivos, el estudio investiga las contradicciones inherentes a la territorialización del agronegocio en una región marcada por especificidades socioambientales, por la presencia del bioma de la caatinga y por una histórica vulnerabilidad hídrica. Se argumenta que la expansión de la soja en el semiárido representa no solo la introducción de un nuevo cultivo agrícola, sino la incorporación del territorio a la

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

lógica ampliada de reproducción del capital, marcada por la concentración de la propiedad de la tierra, la expropiación de la agricultura familiar, la intensificación de los conflictos socioambientales y la creciente presión sobre los recursos hídricos estratégicos. El trabajo demuestra que el discurso desarrollista asociado al agronegocio oscurece los impactos estructurales sobre la biodiversidad, los modos de vida campesinos y la seguridad alimentaria regional, especialmente en un contexto de cambio climático y mayor vulnerabilidad a las sequías. Se concluye que la expansión del agronegocio en Cariri refuerza los patrones desiguales de desarrollo y profundiza la mercantilización de la naturaleza, lo que apunta a la necesidad de construir alternativas basadas en la convivencia con el semiárido, la sostenibilidad ecológica y la valorización de la agricultura campesina.
Palabras clave: Agronegocio; Soja; Semiárido; Cariri; Desarrollo Regional; Conflictos Socioambientales.

Introdução

"Mato-grossenses plantam três mil hectares de soja na Chapada do Araripe"[6]: matérias como essa estampam os jornais cearenses citando como símbolo do progresso a chegada de empreendimentos à chapada do Araripe com o objetivo de cultivar soja. Principal produto de exportação do agronegócio brasileiro, a soja se estende pelos campos do Brasil, primeiro na região Sul, depois pelo Sudeste e Centro-oeste e, por último no Norte e Nordeste.

No entanto, as referidas matérias esquecem, em meio a sua ode ao progresso, das contradições que tal cultivo e o próprio agronegócio trazem em si, tal como toda produção que se organiza de acordo com o modo de produção capitalista.

Culturas tradicionais do território são substituídas pelo modelo mecanizado voltado ou para a exportação pura e simples ou para a produção de insumos para outros ramos do agronegócio, tal como a produção de ração. Somam-se a isso a concentração fundiária e transformações nas relações de trabalho no campo. Para além disso, existem ainda as condições físicas e geográficas do Semiárido, onde o acesso à água é historicamente precário.

[6] Matéria do jornal Diário do Nordeste de 12 de fevereiro de 2026, disponível em https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/mato-grossenses-plantam-3-mil-hectares-de-soja-na-chapada-do-araripe-1.3742333

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter exploratório e analítico-descritivo, orientada pelo referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético. Parte-se da compreensão de que a expansão do agronegócio deve ser analisada em sua relação com as dinâmicas de reprodução do capital e com as transformações socioespaciais por ele produzidas.

Quanto aos procedimentos, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em obras e artigos científicos sobre expansão do agronegócio, territorialização da sojicultura, desenvolvimento do semiárido e transformações no espaço agrário brasileiro. A pesquisa documental baseou-se na análise de dados secundários e documentos institucionais, especialmente informações do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), matérias jornalísticas e documentos de entidades representativas do setor agropecuário. Os dados foram analisados de forma interpretativa, articulando os elementos empíricos levantados às determinações estruturais do desenvolvimento capitalista no campo, com ênfase nos processos de expansão de fronteiras agrícolas, concentração fundiária, expropriação camponesa e devastação da natureza.

Como limitação metodológica, destaca-se que o estudo analisa um processo ainda em fase inicial de implantação no território do Cariri, razão pela qual parte das inferências sobre impactos socioambientais possui caráter prospectivo e se fundamenta em analogias com processos observados em outras regiões de expansão recente da sojicultura.

O presente trabalho apresenta as contradições desse processo, que, se por um lado, atrai investimentos e transforma a economia da região, não deixa de ter também aspectos desestruturantes para uma região que para além de fazer parte do território semiárido mais populoso do mundo, apresenta ainda bioma único, a caatinga.

O Cariri: espaço de convivência e espaço de produção

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

Em 05 de novembro de 1897, o Jornal *A República*[7], periódico da capital cearense, um certo Sampaio Cardoso escreve um apelo para que o governador Nogueira Accioly busque efetivar a exploração do vale do Cariri. O articulista escreve: "o *valle* do *Cariry*, que é de uma produtividade admirável, bem que poderia estar hoje em condição de deixar-nos grande receita" e ainda "a serra do Araripe [...] vive *ahi* abandonada quando poderia estar dividida em diversos sítios, concorrendo também para nossas despesas", concluindo solicitando que o governo olhe para a "fértil região do *Cariry*, onde o Araripe [...] mostrando como é majestoso o seu aspecto, o é a sua produtividade" (Cardoso, 1897, p.1).

Pouco mais de 120 anos depois, o fértil Vale do Cariri e a chapada do Araripe seguem exercendo um enorme papel para a economia cearense, fazendo com que novos agentes passem a concebê-la como fronteira de exploração. Amilcar Silveira, presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (Faec), em entrevista ao jornal O otimista em agosto de 2023, deixa claro que o Cariri

> É a nossa próxima fronteira agrícola. Quem não conhece o Cariri precisa conhecer. A Chapada do Araripe é um negócio espetacular. Eu acho que falta os produtores descobrirem o Cariri. Tem um mercado consumidor importante. Para onde os produtos vão? Para o mercado consumidor ou boas terras. Por isso, eu não acredito muito na industrialização do Ceará, mas acredito muito no agronegócio (Silveira, 2023, s/p)[8].

Discursos que, separados por tanto tempo, se aproximam. No entanto, diferente do apelo do colunista de fins do século XIX, o grande protagonista desse novo olhar não é o Estado, mas a iniciativa privada, a saber, os grandes grupos do Agronegócio brasileiro que, tendo inserido o Centro-Oeste na agenda de produção de commodities para o mercado externo, e expandido seu modo de atuação para a região conhecida como MATOPIBA (território limítrofe dos estados de Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Bahia), avança para a região do

[7] CARDOSO, Sampaio. Borracha da maniçoba. A República, Fortaleza, 05/11/1897.

[8] Matéria publicada no blog O Otimista em 07 de agosto de 2023. Disponível em https://ootimista.com.br/noticias/o-cariri-sera-a-proxima-fronteira-agricola-do-ceara-diz-amilcar-silveira-presidente-da-faec?category=economy

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

Cariri. Um deslocamento que conforme exposto, partiu dos Pampas gaúchos, passando pelo cerrado e agora chega ao semiárido nordestino.

> Atualmente, o semiárido deixa de ser percebido como um lugar improdutivo e passa a se inserir na lógica do capital. Ainda nas últimas décadas do século XX, na tentativa de construir uma nova identidade para o semiárido, buscou-se adaptar o território, para que atendesse os preceitos do sistema capitalista, entendendo que apenas a submissão à lógica do capital poderia trazer a modernidade e o progresso necessários à região (Barbosa; Silva, 2025, p. 5).

E, em meio ao semiárido nordestino, há o Cariri, território com especificidades geográficas e humanas que merecem um estudo mais detido. É preciso compreender que, embora o avanço da soja no Cariri ainda não apresente a mesma escala territorial observada em regiões consolidadas de expansão como o MATOPIBA, a comparação com essa fronteira agrícola é analiticamente útil por evidenciar dinâmicas semelhantes de avanço sobre novas áreas, reestruturação do uso da terra e pressão sobre recursos naturais. Não obstante, reconhece-se que há limites nessa analogia, uma vez que o Cariri possui especificidades socioambientais próprias, destacadamente maior densidade populacional, forte dependência de aquíferos locais e presença de ecossistemas mais restritos espacialmente.

O território do Cariri “sempre foi uma passagem singular de povos ancestrais que deixaram como legado uma cultura pujante e plural, ambiente onde a cultura e a biodiversidade formam um quadro de inestimável valor para a humanidade” (Melo; Lopes; Pereira, 2025, p.5). Situado no extremo sul do Ceará, o Cariri

> [...] foi povoado, no primeiro quartel do século XVIII, por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco, atraídos que eram pelas terras férteis e pelas fontes perenes de água. Graças a esses recursos naturais, constituía o Vale do Cariri um verdadeiro oásis cercado por todos os lados de infinitas extensões de terras planas, que eram assoladas ciclicamente pelas secas e quase nada produziam. Devido, ainda, aos recursos do vale, veio a agricultura, em especial a cana-de-açúcar, a predominar sobre as atividades pastoris (Della Cava, 2014, p. 58-59).

Dessa forma, o Cariri foi historicamente construído por expropriações, primeiro dos povos indígenas, primeiros habitantes da região, depois dos primeiros europeus a chegar no território, os criadores de gados, empurrados para fora da região fértil, pelos produtores agrícolas, principalmente, de cana-de-açúcar. Agora, o agronegócio aporta na região com um ambicioso projeto de

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

cultivo de soja e algodão, que recebe apoio acrítico dos governos municipais e estadual.

A dinâmica do Cariri foi diferente de boa parte do interior nordestino. Enquanto muitos sertanejos deixavam o semiárido em busca das capitais e dos estados do Centro-Sul, o Cariri recebeu um fluxo migratório ligado á religiosidade, centrado na figura do Padre Cícero, mesmo depois de seu falecimento. Isso permitiu disponibilidade de mão de obra, que somada ao clima mais ameno e a disponibilidade de água, oriunda da Chapada do Araripe contribuíram para que a região se mantivesse como “oásis” em meio ao sertão. As romarias em torno do santo popular fortaleceram atividades urbanas ligadas ao artesanato (Silva, 2025). Em fins do século XX, novas alterações se passam no território semiárido.

> Atraídas pela concessão de benefícios fiscais, diversas empresas passam a se mudar para a região, ao mesmo tempo em que o agronegócio se expande, principalmente na produção de frutas para a exportação, nos vales irrigados do semiárido e com a ampliação das áreas para a lavoura de soja no oeste da região, estabelecendo novas relações de trabalho no campo (Barbosa; Silva, 2021, p.06).

Entretanto, até meados do século XXI, o Cariri é preterido por outras regiões do Semiárido cearense. Os perímetros irrigados, junto aos grandes açudes, na região jaguaribana e na Serra da Ibiapaba, recebem aportes generosos para produção agrícola, principalmente de frutas, voltada para o exterior. Entretanto a necessidade de constante expansão do capital leva ampliação de sua presença no Cariri. E a soja, cuja produção se iniciara de forma incipiente nos perímetros irrigados, se expande para a região. Dados do IPECE apontam a área de soja no estado de 2020 a 2024:

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

	2020	2021	2022	2023	2024
ABAIARA	0	0	2220	0	0
IBIAPINA	0	260	0	1250	740
IBICUITINGA	0	0	1200	0	0
LIMOEIRO DO NORTE	450	800	0	1890	0
MADALENA	0	0	820	0	0
MARACANAÚ	0	64	0	128	128
QUIXERÉ	0	0	0	450	308
RUSSAS	0	0	0	36	117
TABULEIRO DO NORTE	0	0	0	600	0
TIANGUÁ	0	110	0	500	605
TRAIRI	0	0	120	0	0
UBAJARA	0	0	0	90	70
UMARI	0	0	80	0	0
JAGUARUANA	0	180	0	0	110
TOTAL	0	1414	4440	4944	2078

Quadro 01 – Área plantada de soja (hectares) por município cearense selecionado, 2020–2024
Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do IPECE (2026).

Embora ainda sejam escassos dados consolidados sobre a estrutura fundiária especificamente das áreas projetadas para expansão da soja na Chapada do Araripe, informações do Censo Agropecuário e de levantamentos fundiários regionais indicam predominância de pequenas e médias propriedades em parte significativa do território rural caririense, o que sugere potencial tensionamento entre a expansão de empreendimentos de larga escala e os usos tradicionais da terra praticados por agricultores familiares.

Observa-se no quadro 01, que o plantio de soja no Ceará ocorre regularmente desde 2020, com destaque para 2023, ano com a maior área plantada. Chama a atenção o fato de que a informação da matéria citada na introdução deste trabalho aponta que a área a ser plantada na Chapada do Araripe, no Cariri, é maior do que toda área plantada em todo o estado em 2024, último ano com dados disponíveis.

Para um estado com pouca tradição no cultivo de soja, tal volume projetado de investimento sinaliza mudança relevante na orientação produtiva agrícola regional. Para além de um movimento de expansão de cultivo de grãos, configura potencial movimento de expansão da lógica capitalista no campo, com possibilidade de intensificação de processos de expropriação da agricultura

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

familiar, conforme observado em outras fronteiras agrícolas brasileiras. Em outras regiões da chamada zona de expansão da soja, na qual se integra o sul do Maranhão e do Piauí, territórios de cerrado, limítrofe ao semiárido,

> Os dados sugerem que o ingresso da soja ocasiona a diminuição da presença da agricultura familiar, o que pode ser um vetor de migração de agricultores familiares do campo para a cidade, com impactos sobre o seu modo de vida e consequências relacionadas à qualidade dos serviços oferecidos nas zonas urbanas (Buzato et al, 2018, p.2).

As diretrizes do agronegócio cearense, formuladas pelo governo do Estado não se propõem a estabelecer parcerias ou sequer diálogo com a agricultura familiar (Barbosa; Silva, 2025). Na verdade, a facilidade de licenças ambientais e do acesso à terra, mesmo para uma cultura tão agressiva quanto a da soja revela um modelo de crescimento que se faz às custas da sociedade. Uma vez que junto a esse modelo, ampliam-se a concentração fundiária e os conflitos dela decorrentes, bem como o desmatamento de amplas áreas de cobertura vegetal nativa (Busato et al, 2018), podendo afetar fontes de água e áreas de cobertura vegetal nativa, caso se reproduzam no Cariri padrões já identificados em outras regiões de expansão da sojicultura, o que trará prejuízos à fauna e flora de um bioma único no mundo, a caatinga.

Chama a atenção o fato de que os empreendedores que estão trazendo a soja ao Cariri afirmam que será realizada o cultivo de sequeiro, no qual a irrigação advém das chuvas,

> Entretanto, cultura como a soja, que também depende de simbiose com bactérias nitrificadoras, ainda não tem desempenho de cultivo em sequeiro comprovado nas condições do semi-árido, tanto pelas altas temperaturas e baixas latitudes, como, principalmente, pelo déficit hídrico ocorrente no nordeste brasileiro (Viana et al, 2021, p.3).

Isso acende alerta sobre as reservas hídricas da Chapada do Araripe, onde se localizam os mananciais que abastecem a região, tanto pelo risco de esgotamento quanto pela possibilidade de contaminação. O que gera escassez, num território tradicionalmente marcado pelas secas, uma vez que, se constata, em relação à contaminação que “o estado do Ceará não possui dados referentes ao monitoramento de agrotóxicos na água para consumo humano” (Ferreira; Viana Júnior, 2016, p.657). Ou seja, uma série de fatores ainda pouco estimados devem ser analisados em relação à soja no Cariri. Nesse sentido, governos municipais e estadual justificarão tudo pelo crescimento e desenvolvimento, mas

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

"se calcularmos os custos gerados para a sociedade com as favelas criadas e com a contaminação das águas, por exemplo, ou com o próprio desconforto de famílias expulsas de suas terras, além do desemprego a conta é diferente" (Dowbor, 2013, p.36). Tal cenário suscita questionamentos acerca da adequação desse modelo de desenvolvimento às especificidades socioambientais do território.

A natureza, o capital e o desenvolvimento

A região do Cariri se confunde com a Chapada do Araripe, composta por um planalto, cuja maior porção está localizada em território cearense.

> A biorregião se constitui como uma faixa de terra entre os Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, alvo de influência direta da bacia sedimentar do Araripe e espaço de transumância entre os habitantes do lugar. A vitalidade e a dinâmica do Cariri repercutem decisivamente na economia da região e concentram o polo de desenvolvimento econômico da Mesorregião da Chapada do Araripe, uma unidade de promoção institucional e investimentos do Ministério da Integração Nacional, criada pelo Decreto Federal 6.047, de 22 de fevereiro de 2007 (Melo; Lopes; Pereira, 2025, p. 10).

Os aquíferos dessa bacia sedimentar são utilizados no abastecimento de diversas cidades, dentre elas, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, cidades que compõem uma conurbação, em pleno semiárido, onde vivem mais de meio milhão de pessoas (Silva, 2025). Para além disso, a Chapada também abriga a Floresta Nacional do Araripe (FLONA). Criada em 1946, a FLONA é uma Unidade de Conservação Federal de uso sustentável, sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), conforme estabelecido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Nessa categoria, admite-se o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais, desde que compatível com os objetivos de conservação ambiental.

> A FLONA ARARIPE é uma floresta de mata úmida, cerrado, cerradão e carrasco no bioma caatinga. [...] Ocupa porção de cinco municípios do Cariri - Crato, Barbalha, Santana do Cariri, Jardim e uma porção diminuta em Missão Velha, recém-mapeada, por uma extensão de 38.919,47 hectares. Constitui-se como um refúgio natural das espécies animais e vegetais da caatinga, berço das fontes e nascentes de água do Cariri, que é o hábitat de espécies endêmicas do Cariri, como o Soldadinho-do-Araripe (Antilophia bokermanni), pássaro de plumagem branca e cabeça vermelha, e do caranguejo guaja-do-araripe (Kingsleya attenboroughi), recém identificado, assim como celeiro das árvores majestosas e floridas, como o Pequi (Caryocar coriaceum).

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

> Dentro da FLONA, ainda há mapeado pelo Ministério do Meio Ambiente um nicho de Mata Atlântica, em Barbalha (Melo; Lopes; Pereira, 2025, p.12).

Essa biodiversidade aponta a necessidade de uma atuação humana baseada na sustentabilidade, uma vez que o equilíbrio ecológico da região seria afetado com a introdução de atividades humanas que não levem em consideração a importância da Chapada como fonte dos mananciais e como patrimônio natural dos povos que habitam o Cariri.

Entretanto, o atual modelo de desenvolvimento, baseado no modo de produção capitalista e na lógica neoliberal, a natureza

> [...] é constantemente avaliada segundo os princípios do capital, quais sejam: lucratividade, eficiência, funcionalidade e racionalidade. O agronegócio se territorializa, produz commodities, utiliza o território em seu benefício e em detrimento da natureza e da sociedade local visando alcançar esses critérios (Sousa; Cavalcante, 2025, p.57).

Assim, as considerações acerca do manejo dos solos, do acesso à água, das relações de trabalho e de ocupação da terra são consideradas pelos agentes do agronegócio apenas no que diz respeito a máxima extração de lucros. Em relação à soja, existe uma tendência de ampliar essas contradições, considerando que,

> [...] a sojicultura é atualmente o segmento mais importante da agricultura, tendo influenciado questões que excedem o processo produtivo em si, tais como os planos sobre diretrizes do setor agrícola, sobre a posição da economia do país dentro da divisão internacional do trabalho, o perfil de desenvolvimento da agroindústria, as cadeias produtivas, a exigência de produção e uso de tecnologias, ou ainda a necessidade de infraestrutura [...](Pinheiro, 2022, p.56).

Em outras palavras, trata-se de uma cultura agrícola, na qual empresários ditam as regras do mercado e a organizam. Uma organização mercadológica do campo cujas origens podem ser traçadas desde os anos 1950, quando na busca pelo aumento da produtividade no campo, os Estados Unidos iniciaram a articulação entre agricultura e finanças, utilizando crédito para industrializar a produção agrícola, em uma síntese que não apenas articulou capital e agricultura, mas subordinou a segunda à valorização do capital financeiro (Fonseca, 2025). Por essa época, na busca por consolidar um modelo de negócios cuja atuação ia do campo à indústria e ao setor de serviços, foi forjado o termo *agrobusiness* (agronegócio), que,

> Serviria para, mediante estratégias de marketing, disputar a opinião pública em favor de uma imagem de desenvolvimento por meio da

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

> agricultura que favorecesse os pleitos de produtores e de demais agentes ligados a determinadas cadeias produtivas. Entre outras coisas, buscavam dar legitimidade à busca por reconhecimento político enquanto grupo importante economicamente, usando de dados estatísticos e de estudos acadêmicos para barganhar incentivos estatais, sobretudo de crédito (Fonseca, 2025, p.204).

Toda uma cadeia de negócios baseada na produção de matéria-prima, dominada por empresas multinacionais, que fornecem de tratores a fertilizantes e agrotóxicos, aprofundando a dependência econômica e drenando as riquezas geradas, Nesse sentido, “as grandes multinacionais exportadoras ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus, acabam por oligopolizar a governança da cadeia da soja no Brasil e no mundo” (Pinheiro, 2025, p.88). Em síntese, no Brasil, o agronegócio acabou se tornando a “associação do grande capital agroindustrial com a propriedade latifundiária” (Fonseca, 2025, p.215), voltadas para a máxima extração de valor dos trabalhadores.

Quando essa estrutura se expande para o Cariri, ele encontra um território no qual

> O ritmo de vida dos sertanejos era ditado pela natureza, com os meses de trabalho agrícola iniciando a partir de janeiro, com as chuvas, e se prolongando até julho, com a colheita, com os camponeses realizando pouca ou nenhuma atividade produtiva nos meses restantes, à espera do reinício do ciclo. Em sua busca constante por valorização, é impensável ao capital tanto tempo sem trabalho e sem consumo (Barbosa; Silva, 2021, p.8).

A inserção plena desse território na economia capitalista exigia desestruturar essas estruturas produtivas tradicionais, começando pela retirada do acesso à terra, que deve ser direcionada para as novas culturas de interesse do agronegócio. É a lógica da acumulação primitiva do capital, onde para se consolidar as relações de trabalho capitalistas é realizado um “processo de separação do trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital e, por outro, os produtores diretos em trabalhadores assalariados” (Marx, 2025, p.629). Um processo que se efetiva, mesmo quando os camponeses são proprietários de seus lotes de terra, uma vez que, o uso desta é impossibilitado por terem seu acesso ao financiamento dificultado, Nesse sentido, o mercado financeiro vê as atividades tradicionais como de baixo potencial para geração de lucros (Mazzucato, 2019). Além disso as políticas

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

públicas para agricultura familiar são cada vez mais insuficientes, o que resulta que “sem condições de exercerem suas atividades, estes trabalhadores tornam-se um exército de reserva para os novos empreendimentos que assim tem farta oferta de mão de obra barata” (Barbosa; Silva, 2022, p.357).

Existe ainda, em relação ao Semiárido uma outra preocupação. O território é um dos mais ameaçados pelas alterações climáticas no Brasil, “sendo esperadas secas mais frequentes e duradouras, bem como o aumento da temperatura entre 2ºC a 5ºC” (Lima et al, 2016, p.184). Diante desses dados, estimar que a produção de soja, na chapada do Araripe, seja realizada por meio da cultura de sequeiro, aponta no mínimo uma contradição, cujo roteiro compõem um ciclo conhecido em outras regiões: o capital degrada o bioma, intensifica a escassez hídrica e, sobre essa escassez, justifica novas intervenções ditas modernizadoras que aprofundam a dependência e a expropriação. A literatura sobre expansão recente da fronteira agrícola em áreas semiáridas indica que a ampliação de monoculturas intensivas pode agravar disputas pelo uso da água e intensificar pressões sobre mananciais locais, ao possibilitar o monopólio dos mananciais, que se soma ao monopólio das terras e impõe um modelo de irrigação insustentável. No entanto, não só no Cariri, mas em todo o semiárido,

> O espaço antes destinado a atividades tradicionais, como cajucultura e cotonicultura, está sendo dividido, com segmentos praticados com maior grau de inovação e maior valor agregado, como a soja. Embora ainda seja produzida em apenas 21 dos 1.133 municípios da região, entre 1991 e 2014 observou-se um aumento de 2.932,3% na área plantada e 8.329,3% na quantidade produzida de soja[9]. Por outro lado, as lavouras de feijão e arroz, fornecedoras dos alimentos mais frequentes na dieta dos brasileiros, apresentam direção inversa, com queda na produção no mesmo período. Essa tendência na produção de grãos no SAB[10] remete mudanças no mercado de commodities agrícolas e na relação homem-natureza. No entanto, sabe-se que o avanço do segmento demanda uma grande quantidade de água e pode

[9] A produção de soja seguiu crescimento vertiginoso. Em 2025, o Nordeste produziu 16,6 milhões de toneladas, com destaque para a Bahia, maior produtor da região. Disponível em https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/2157/1/2025_ETM_41%20-%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Agr%C3%ADcola.pdf.

[10] Semiárido brasileiro

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

> agravar os conflitos pelo uso dos recursos hídricos (Lima et al, 2016, p.187).

Diminuição das culturas tradicionais ligadas à dieta brasileira e ampliação de uma produção, que no Ceará, é destinada à produção de ração para aves (IPECE, 2026) mostram que o agronegócio articula cadeias que se retroalimentam a despeito das necessidades da população que habita os territórios. A narrativa ligada ao agronegócio de que este é agente de progresso e crescimento econômico acaba se mostrando frágil quando se analisa com mais profundidade os modelos de negócio e a atuação do mercado e do Estado na expansão das lavouras. No entanto, observa-se que que longe de ser desconstruída, a narrativa envolve até mesmo a agricultura familiar, onde muitos pequenos produtores denominam suas propriedades como integrantes do agronegócio, ao serem integradas à cadeia produtiva do agronegócio, num modelo que "determina que a agricultura camponesa faça parte das chamadas parcerias produtivas com o agronegócio" (Mendonça, 2013, p.146). E como tudo o que envolve o ideário neoliberal, as relações capitalistas de produção são mistificadas como meros arranjos técnicos das parcerias entre pequenos agricultores e os gigantes do agronegócio.

Por outro modelo agrícola

Há que se reconhecer que o presente estudo apresenta limitações inerentes ao fato de analisar um processo recente e ainda em consolidação territorial. A ausência de séries históricas locais consolidadas sobre produção, uso da água, estrutura fundiária específica das áreas prospectadas e licenciamento ambiental dos empreendimentos limita inferências conclusivas sobre impactos efetivamente materializados no Cariri. Assim, parte da análise possui caráter prospectivo, fundamentando-se em tendências observadas em outras regiões de expansão da sojicultura e em projeções analíticas derivadas da literatura especializada. Entretanto, o trabalho tem potencial de suscitar mais discussões sobre o tema e embasar novos estudos relacionados ao uso da terra, da água e de outros recursos naturais do território, bem como a dinâmica do agronegócio brasileiro e da relação entre capital e trabalho no campo.

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

Neste contexto, torna-se necessário ampliar o debate sobre modelos alternativos de desenvolvimento rural para o Cariri, especialmente aqueles baseados na convivência com o Semiárido. Experiências de agroecologia e agricultura familiar desenvolvidas em assentamentos da reforma agrária e comunidades rurais cearenses demonstram viabilidade de sistemas produtivos diversificados, adaptados às condições climáticas regionais, com menor pressão hídrica e maior contribuição à segurança alimentar local.

Destacam-se, nesse sentido, experiências de quintais produtivos, sistemas agroflorestais, policultivos adaptados ao semiárido e manejo comunitário de sementes crioulas, os quais vêm sendo apontados como alternativas concretas de produção sustentável e fortalecimento da autonomia camponesa.

Conclui-se que a expansão projetada da sojicultura para o Cariri sinaliza tendência de aprofundamento de pressões sobre a estrutura agrária, os recursos naturais e os modos de vida rurais locais, caso reproduza dinâmicas observadas em outras fronteiras agrícolas brasileiras. Embora os impactos concretos ainda dependam da forma de implantação e da escala efetiva dos empreendimentos, os dados analisados indicam a necessidade de acompanhamento crítico e monitoramento contínuo desse processo.

Referências

BARBOSA, Erlene Pereira; SILVA, Wagner Pires da. Considerações sobre a expansão capitalista para o semiárido. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2021. DOI: 10.33241/cadernosdogposshe.v5i1.7615. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/7615. Acesso em: 23 fev. 2026.

BARBOSA, Erlene Pereira; SILVA, Wagner Pires da. O semiárido e o desenvolvimento: o caso do Ceará. **RENUMON** [S. l.], v. 21, n. 02, p. 1–24, 2025. DOI: 10.61164/n5jqjd75. Disponível em: https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/5127. Acesso em 23 de fevereiro de 2026.

BARBOSA, Erlene Pereira; SILVA, Wagner Pires da. O semiárido e a nova economia digital: velhas e novas desigualdades. **Anais do VIII Seminário Discente do PPGS/USP**: sociologia e pesquisa entre conflitos – 07 a 11 novembro 2022. São Paulo: FFLCH/USP, 2023. Disponível em

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

https://sdiscenteppgsusp.wixsite.com/seminarioppgsusp2022/anais. Acesso em 25 fevereiro 2026

BUZATO, Heidi Cristina; CARDOSO, Ricardo Camargo; FAVARETO, Arilson; MAGALHÃES, Clarissa; GARCIA-DRIGO, Isabel; SOUZA, Lisandro Inakake de. A soja no MATOPIBA: contradições do modelo de desenvolvimento, riscos e perspectivas para a conservação do cerrado. **Sustentabilidade e Debate**, n. 6, 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/325722203_SUSTENTABILIDADE_EM_DEBATE_A_SOJA_NO_MATOPIBA_CONTRADICOES_DO_MODELO_DE_DESENVOLVIMENTO_RISCOS_E_PERSPECTIVAS_PARA_A_CONSERVACAO_DO_CERRADO, Acesso em 23 de fevereiro de 2026.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DOWBOR, Ladislau. **Democracia econômica**: alternativas de gestão social. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERREIRA, M. J. M.; VIANA JÚNIOR, M. M.. A expansão do agronegócio no semiárido cearense e suas implicações para a saúde, o trabalho e o ambiente. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação, v. 20, n. 58, p. 649–660, jul. 2016. Disponível em https://www.scielo.br/j/icse/a/48cbGFqQHQTgnDWz5Fk33Rq/?format=html&lang=pt. Acesso em 18 de fevereiro de 2026.

FONSECA, Ítalo Gimenes Dias da. Agronegócio e suas bases: modernização conservadora, dependência e proletarização. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 201, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/39175. Acesso em: 23 fev. 2026.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Painel dinâmico de Indicadores socioeconômicos do Ceará**. Governo do Ceará, IPECE: Fortaleza, 2026. Disponível em http://ipecedata.ipece.ce.gov.br/ipece-data-web/. Acesso em 23 de fevereiro de 2026.

LIMA, Patrícia Verônica Pinheiro Sales; MENDES, Carlos Magno; ROCHA, Leonardo Andrade; OLIVEIRA, Marcio Regys Rabelo de. No Rastro da Vulnerabilidade às Secas: Uma Análise da Produção de Grãos no Semiárido Brasileiro. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, Cuiabá, v. 19, n. 1, p. 183-196, nov/2016. Disponível em https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53306. Acesso em 28 fev 2026.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

MAZZUCATO, Mariana. **O valor de tudo**: fazer e tirar na economia global. Lisboa:Temas e debates – Círculo de Leitores, 2019.

MELO, José Patrício Pereira; LOPES, Maria da Conceição; PEREIRA, Fabiana Barbosa. Chapada do Araripe - Território encantado dos povos Kariri, Livro Aberto da História da Terra. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e81178, 2025. DOI: 10.34117/bjdv11n7-063. Disponível em:

RJNM
ISSN 2675-4312

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/02/2026
Vol: 07.05
DOI: 10.66104/jemh5e86
Pages: 1-17

https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/81178. Acesso em: 2 mar. 2026.

MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira de. **Modo capitalista de produção e agricultura**: a construção do conceito de agronegócio. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINHEIRO, Marcos Jardim. **Teoria Marxista da Dependência e Sistema-Mundo**: Avanço do Agronegócio da Soja no Brasil e Superexploração do Trabalho. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas). Universidade Federal da Interação Latinoamericana – UNILA. Foz do Iguaçu: UNILA, 2025.

SILVA. Wagner Pires da. **O ensino superior do semiárido sob a ótica crítico-reflexiva da filosofia da educação**: pensando a universidade sertaneja. 2025. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

SILVEIRA, Amilcar. O Cariri será a próxima fronteira agrícola do Ceará, diz Amílcar Silveira, presidente da Faec. (Entrevista). **O otimista**. Fortaleza, 07/08/2023. Disponível em https://ootimista.com.br/noticias/o-cariri-sera-a-proxima-fronteira-agricola-do-ceara-diz-amilcar-silveira-presidente-da-faec?category=economy

SOUSA, Jackson Araujo de; CAVALCANTE, Leandro Vieira. A convivência precária com o Semiárido em territórios de expansão do agronegócio. **Revista de Geografia**, *[S. l.]*, v. 42, n. 1, p. 47–69, 2025. DOI: 10.51359/2238-6211.2025.262736. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/262736. Acesso em: 23 fev. 2026.

VIANA, JS; TENÓRIO-BARROS, C; BORGES, JPGS; SILVA, MBG; GONÇALVES, EP; MOURA, MF. Condicionantes para cultivo de soja tolerante ao déficit hídrico no Semiárido Nordestino. **Research, Society and Development**. 2021;10:e16710413980 Disponível em https://www.researchgate.net/publication/350623187_Condicionantes_para_cultivo_de_soja_tolerante_ao_deficit_hidrico_no_Semiarido_Nordestino/citations. Acesso em 23 de fevereiro de 2026.